

Centro de memória virtual do departamento de enfermagem da universidade de Brasília: relato de experiência sobre a salvaguarda dos documentos e a construção de uma história

Virtual memory center of the nursing department of the university of Brasília: experience report on the safeguard of documents and the construction of a history

DOI:10.34117/bjdv6n8-218

Recebimento dos originais:08/07/2020

Aceitação para publicação:14/08/2020

Gabriela Nascimento Miranda

Graduanda de Enfermagem pelo Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB) Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

Endereço: Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF
E-mail: gabrielanascimentomiranda@gmail.com

Nathalia Reys

Bacharel em Museologia pela Universidade de Brasília (UnB) e assistente de Conservação e Restauro no Tribunal de Contas da União (TCU)
Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

Endereço: Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF
E-mail: nathaliamuseo@gmail.com

Wender Ferreira dos Santos

Graduando de Enfermagem pelo Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB) Instituição: Universidade de Brasília (UnB)

Endereço: Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF
E-mail: enf.wenderfs@gmail.com

Andrea Mathes Faustino

Doutora em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UnB) e Docente no Curso de Enfermagem

Instituição: Universidade de Brasília (UnB)
Endereço: Departamento de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Saúde, Campus Universitário Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF
E-mail: andreamathes@unb.br

RESUMO

A organização do projeto “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” surgiu da iniciativa de uma professora do departamento de Enfermagem, da Faculdade de Ciências da Saúde da UnB, especialmente motivada pela

comemoração do 40º ano de aprovação do funcionamento do Curso de Graduação em Enfermagem que ocorreu no ano de 1975. Este artigo tem como objetivo apresentar e descrever a experiência das ações de salvaguarda dos documentos do Departamento de Enfermagem da UnB e como tais atividades contribuíram para a produção de conteúdo especializado, bem como para a construção da memória do curso de enfermagem para então, alimentar as pesquisas e criação do *Centro de Memória Virtual da Enfermagem UnB*. A metodologia adotada foi o relato de experiência a partir da vivência dos alunos e docentes inseridos no projeto e das orientações fornecidas por uma museóloga, também membro do grupo, sobre a importância de preservação do arquivo documental e da história institucional. O Centro de Memória também tem como objetivo preservar e tornar o acervo acessível para o público externo, por meio de plataformas virtuais. A proposta para a criação do Centro de Memória contempla, a identificação, a organização, a preservação e a digitalização de documentos.

Palavras Chaves: História da Enfermagem, Documentação, Enfermagem, Educação.

ABSTRACT

The organization of the project “*Virtual Memory Center of the Nursing Department of the University of Brasília (UnB)*” came from the initiative of a professor from the Nursing department, from the Faculty of Health Sciences at UnB, especially motivated by the celebration of the 40th year of approval the functioning of the Nursing Undergraduate Course that took place in 1975. This article aims to present and describe the experience of the actions of safeguarding the documents of the Department of Nursing at UnB and how such activities contributed to the production of specialized content, as well as for the construction of the nursing course memory, to then feed the research and creation of the UnB Nursing Virtual Memory Center. The methodology adopted was the experience report based on the experience of students and teachers included in the project and the guidelines provided by a museologist, also a member of the group, on the importance of preserving the documentary archive and institutional history. The Memory Center also aims to preserve and make the collection accessible to the external public, through virtual platforms. The proposal for the creation of the Memory Center includes the identification, organization, preservation and digitization of documents.

Keywords: History of Nursing, Documentation, Nursing, Education.

1 INTRODUÇÃO

A organização do projeto “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” surgiu da iniciativa de uma professora do departamento e de um acadêmico de enfermagem, especialmente motivados pela comemoração do 40º ano de aprovação do funcionamento do Curso de Graduação em Enfermagem, no ano de 2015. O projeto surge como extensão universitária, sendo aprovado pelo Decanato de Extensão da instituição. A idéia da construção de um centro de memória virtual, surgiu pela dificuldade em se manter um espaço físico na instituição, dada a especificidade da manutenção e manejo dos materiais de um acervo histórico.

No ano de 2016, é formado o “*Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Enfermagem (GEPHENf)*”, certificado pela UnB e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e

Tecnológico (CNPq). A organização deste grupo de pesquisa ocorre devido à uma necessidade entre os membros que integravam o projeto de extensão “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” com a motivação e interesse em aprofundar os conhecimentos sobre a história da Enfermagem, tanto do próprio curso, bem como sobre a história geral da profissão, visto o déficit curricular que abrangia a temática.

A história do Curso de Graduação em Enfermagem na UnB, começa com a designação de uma Comissão para apresentar o projeto de implementação do Curso de Enfermagem, pelo Ato de Reitoria número 218 de 1973. A apresentação do currículo do curso de enfermagem ocorreu em março de 1974. Em 09 de abril de 1975, o curso de enfermagem teve sua aprovação por meio da Resolução do Conselho Diretor n.º 28, assinada pelo então Presidente da Fundação e Reitor da Universidade de Brasília, Prof. Amadeu Cury (SILVA, et al 2019).

Em 1976, o Diretório de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura (DAU / MEC) autoriza o funcionamento do curso, o que possibilitou a realização do 1º concurso vestibular com oferta de 20 vagas. Ainda neste ano, a professora Maria Aurineide da Silva Nogueira foi a primeira enfermeira contratada para o quadro efetivo de docentes. No ano seguinte, em 1977, foi elaborado o Projeto de Implantação do Curso e Institucionalização do Departamento de Enfermagem. Neste projeto é relatado que o curso de Enfermagem, oferecido pela Faculdade de Ciências da Saúde estava vinculado ao Departamento de Medicina Geral e Comunitária (MDG), apesar de não ter área física definida. Neste ano já haviam 71 alunos vinculados ao curso de Enfermagem aprovados nos primeiros quatro vestibulares oferecidos pela UnB (SANTOS; FAUSTINO, 2016; SILVA, et al 2019).

Assim o presente relato de experiência pretende apresentar e descrever as ações de salvaguarda dos documentos do Departamento do Curso de Enfermagem da UnB e como tais ações puderam contribuir para a produção de conteúdo especializado, bem como à construção da memória do curso de enfermagem para então, alimentar as pesquisas de criação do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*”.

2 PRESERVAÇÃO DOCUMENTAL

O acervo do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” distingue-se nas seguintes categorias: documentos históricos (manuscritos e impressos); e documentos audiovisuais (negativos e fotografias) e acervo bibliográfico. Há a intenção por parte dos coordenadores do projeto de ampliar a coleção com aquisição de indumentárias e equipamentos antigos.

As ações do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” foram divididas em três frentes de trabalho: 1) Preservação de Acervo; 2) História Oral; 3) Desenvolvimento e implementação de conteúdo na plataforma virtual.

A equipe de docentes responsáveis pelo projeto buscou profissionais especializados na área de conservação e memória, para orientação e aquisição de mobiliário adequado para a guarda destes materiais. Não foi possível estabelecer uma relação institucional entre os cursos de Enfermagem e Museologia da UnB. Entretanto, a partir da relação pessoal entre duas alunas de ambos os cursos, foi possível estabelecer um contato e firmar a parceria com uma museóloga a qual foi a orientadora das atividades de salvaguarda dos documentos, e que atua voluntariamente junto as ações do projeto de extensão.

É importante comentar que cultura e saberes são uma construção e reconstrução social, dinâmica e constante. Exige que os profissionais da área trabalhem com perspectivas diferenciadas, conscientes de que memória e esquecimento caminham juntos. Para além da abordagem levantada por alguns autores e adequando a realidade do Departamento de Enfermagem, o arquivo do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” funcionará como um suporte material da memória daquela organização. A memória para que seja recuperada necessita de registros e mecanismos desenvolvidos para que a relação documento - patrimônio seja entendido enquanto uma herança, e a partir disso, contribuir para a construção de identidades e histórias (coletivas e individuais). O acervo histórico preservado, quando tratado adequadamente, servirá de fonte para desenvolvimento de projetos, serviços e apoio às ações institucionais (CÂNDIDO, 2009).

O termo documento, ainda que o seu uso corriqueiro esteja associado à idéia de fonte textual, tem sentido forte de informação e, aplica-se a livros, revistas, jornais, selos, fotografias, monumentos, edifícios etc. A origem latina do termo (*docere*) indica que o documento é aquilo que informa alguma coisa a alguém (SPINELLI; BRANDÃO; FRANÇA, 2011).

A seleção de informações, documentos e/ou objetos do que é relevante para a instituição, indica que a *informação* pode ser formada por um conjunto de elementos escolhidos pelos indivíduos, dentre uma ampla diversidade de itens existentes. A informação forma e contém (informação). A repetição dessas impressões, ao longo do tempo, encarrega-se de transformar itens selecionados de informações em marcas, traços, que constituem o que chamamos de memória (COSTA, 1997).

Pretende-se aqui explicar que o conceito de memória, não é aquela pautada somente na noção de representação do passado, mas sim, em construções sociais. Segundo Costa “*nós somos e*

fazemos as instituições. E a memória institucional é o reflexo dessa trajetória, não como mimesis, mas um cristal com suas múltiplas e infinitas facetas. É também uma memória histórica, efeito dos condicionamentos e das formações históricas” (COSTA, 1997).

Podemos inferir, portanto, que a memória se configura enquanto um conceito subjetivo e híbrido, ganhando significâncias de acordo com grupos específicos, lugares específicos, e principalmente, o com os próprios indivíduos. Cada instituição, por sua vez, reflete as mais diversas maneiras como, na perspectiva do tempo, imprimem sua trajetória histórica, e cabe a elas decidir o que será lembrado e o que ficará suspenso. O historiador Le Goff afirma que a memória coletiva se valoriza, institui-se em patrimônio cultural (LE GOFF, 1990; COSTA, 2020).

As ações envolvendo a preservação do acervo do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” estão pautadas principalmente na Conservação Preventiva e Curativa. As discussões sobre a salvaguarda do patrimônio e os bens culturais vem crescendo principalmente a partir da década de 1930.

A Conservação é uma área que se estabeleceu enquanto ciência a partir da proposição de suas próprias questões e de seus próprios paradigmas, em afinidade com seu caráter teórico-metodológico a fim de garantir uma maior atenção às especificidades de cada bem cultural em particular, buscando intervenções mínimas e maior longevidade ao patrimônio. Conservar é atuar de maneira consciente, evitando e controlando riscos. É uma área complexa e exige a colaboração de profissionais especialistas e qualificados. Dentro da instituição é necessária a participação de todos os setores, desde o diretor (ou maior representante da gestão daquele local) até a limpeza e segurança. Para um trabalho eficaz, é imprescindível a participação de todos (MICHALSKI, 2004).

Em toda atividade de Conservação, é necessário que exista uma preocupação no tocante a avaliação e interpretação do bem cultural, suas características e demandas específicas, inclusive para que a parte técnica a ser desenvolvida seja determinada e aplicada da melhor maneira possível. A Conservação e suas práticas são discutidas por conselhos e possuem diretrizes. O Conselho Internacional de Museus (ICOM) publicou em 2008 um documento que define conceitos para algumas das terminologias relativas à área de Conservação, que estabelece como preservação como todas aquelas medidas ou ações que tenham como objetivo a salvaguarda do patrimônio cultural tangível, assegurando sua acessibilidade às gerações atuais e futuras. A conservação compreende a conservação preventiva, a conservação curativa e a restauração. Todas essas medidas e ações deverão respeitar o significado e as propriedades físicas do bem cultural em questão (MICHALSKI, 2004).

A conservação pode estar ligada à ideia de que quando conhecemos nosso passado podemos compreender melhor o nosso presente; ao entendimento e uma forma de compreensão histórico-temporal que valoriza os objetos como testemunhos, sendo estes indispensáveis para a promoção de diferentes processos de fruição, não apenas com relação ao passado, mas também ao novo e todas as possibilidades que este pode abarcar. Esta forma de pensar a preservação está muito associada às décadas de 1930 e 1950, com o surgimento do Instituto Central de Restauração, criado em Roma em 1939, o qual defendia a afirmativa de Cesare Brandi – criador e diretor da instituição por dois anos – de que a Restauração é *"o momento metodológico do reconhecimento da obra de arte, na sua consistência física e na sua dúplici polaridade estética e histórica, com vistas à sua transmissão ao futuro"* (BRANDI, 2004).

Devido ao crescimento expressivo da massa documental em instituições, os estudos acerca do campo prático da Conservação se ampliaram, e passaram a ser cada vez mais difundidos no meio acadêmico bem como em museus, arquivos e bibliotecas. Anos de observação e estudos mostraram que o resultado mais eficaz é a prática da conservação preventiva. Comumente se é constatado que o profissional deve *"conservar para não restaurar"* e desta forma, a atuação dos envolvidos deve ser consciente, procurando ao máximo que a intervenção seja mínima e reversível, para que não agrida sua integridade física e histórica (MICHALSKI, 2004).

Alguns autores apontam o ano de 1991 como o marco para a discussão acerca da Conservação preventiva e que serviu de exemplo para vários países. A Conservação preventiva conta com o apoio de outras ciências como a Química, a Física, a Biologia entre outras, para auxiliá-la nas resoluções de suas problemáticas, uma vez que compreendemos sua aplicação efetiva como um conjunto de ações e medida estrategicamente selecionadas e desenvolvidas de acordo com as demandas específicas de determinado conjunto de bens (MICHALSKI, 2004).

Uma vez que compreendemos a dimensão e abrangência, ao mesmo tempo passamos a entender as especificidades que são inerentes à conservação preventiva, podemos, então, nos atentar para o fato de que existem diversos fatores de degradação e que para cada um deles, existe um método de controle. A equipe de higienização do *"Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)"* agiu por meio de duas frentes, a Conservação Preventiva e a Conservação Curativa.

A *"Conservação Preventiva"* é um conjunto de ações e metas que devem ser adotadas por toda e qualquer instituição que atue na guarda de acervos, independente do recurso financeiro que a instituição disponha⁽⁷⁾. É importante compreender que essas ações e metas não estão rigidamente normatizadas, mas sim descritas a partir de critérios avaliativos baseados num plano de gestão de

riscos. Entende-se então, que a conservação preventiva busca estudar e avaliar todos os espaços da instituição, partindo desde seu macro ambiente (o edifício que circunda o acervo) até as Reservas Técnicas, arquivos ou salas de guarda de acervo, para mapear riscos. O papel da museóloga no grupo do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” objetivou, principalmente, dar continuidade a preservação dos bens para evitar e/ou minimizar possíveis incidentes que possam eventualmente danificar o acervo.

Existem nove agentes da deterioração, sendo eles: i) Forças físicas diretas; ii) Ladrões, vândalos e pessoal distraído; iii) Incêndio; iv) Água; v) Pragas; vi) Contaminantes – poluentes; vii) Radiação; viii) Temperatura incorreta; ix) Umidade relativa incorreta; x) Dissociação da informação (MICHALSKI, 2004).

A “*Conservação Curativa*”, diferente da Preventiva, é aplicada de maneira direta sobre o bem, com o objetivo de deter os processos danosos presentes ou reforçar sua estrutura, buscando melhorar sua estrutura física. Alguns exemplos de conservação curativa incluem desacidificação do papel, desinfestação de pragas ou microorganismos, higienização mecânica, remoção de sujidades, pequenos reparos, consolidação de pinturas murais, estabilização de metais corroídos, desumidificação de materiais, planificação de suportes, acondicionamento, entre outros (MICHALSKI, 2004).

Entretanto, pouco adianta um trabalho contínuo de conservação curativa se não há uma atenção sobre as ações inerentes ao trabalho do grupo de higienização, como ações físicas, químicas e biológicas da atmosfera sob os bens. Os materiais reagem de maneiras diferentes em condições diversas. Para tanto, definido o plano de atividades, as Auxiliares de Conservação e Restauro agem com a Conservação Preventiva concomitantemente a Conservação Curativa.

Figura 1. Campos de atuação da preservação



Fonte: Spinelli, Brandão e França (2011).

A Figura 1 demonstra que a Preservação engloba “*um conjunto de diretrizes e estratégias, baseadas em estudos de ordem administrativa, política e operacional, que contribuem direta e indiretamente para a permanência da integridade dos documentos e dos edifícios que os abriga, em seus mais distintos ambientes*” (SPINELLI; BRANDÃO; FRANÇA, 2011).

3 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Entre as inúmeras ações de trabalho do GEPHENf, uma delas é realizada pelo “*Grupo de Higienização dos Documentos*” que é responsável pela higienização mecânica e digitalização dos documentos e fotografias do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*”. Integram este grupo acadêmicos dos Cursos de Enfermagem e de Museologia, além de uma Museóloga voluntária.

A primeira ação da museóloga foi a observação dos espaços que circundavam o acervo, em busca de analisar riscos eminentes a ele, no chamado macroambiente. Já no microambiente, onde o acervo está acondicionado, foi realizado um diagnóstico prévio nas coleções para identificar quais as maiores ameaças ao acervo e quais documentos apresentavam maiores fragilidades e/ou danos. Após a elaboração do “Estado de Conservação” da coleção, a próxima ação foi, conseqüentemente, incluir o restante do grupo ao processo de tratamento dos documentos.

O levantamento dos riscos e necessidades do acervo, fez com que a museóloga alertasse as professoras coordenadoras do projeto, para a aquisição de materiais como: trinchas macias, bisturi, mesa de corte, álcool 70%, caixas arquivos e papéis de qualidade arquivística.

O papel é frequentemente utilizado na execução de condicionamentos, entretanto, é necessário que se escolha o tipo mais adequado a cada objeto que será acondicionado, uma vez que cada objeto possui especificidade própria, e os elementos que o compõem, poderão reagir com determinados tipos de aditivos compostos no papel. É por esse motivo, que devemos escolher os materiais que possuem menos reagentes químicos. Ao pensarmos em elaborar invólucros com papel, procuramos sempre utilizar papel permanente, comumente conhecido como papel de qualidade arquivística, *acid free* e que ofereça maior reserva alcalina.

O Manual Técnico de Conservação e Preservação de Documentos, proposto pelos especialistas Emiliana Brandão, Jayme Spinelli e Camila França, nos diz que os documentos devem ser acondicionados em caixas–arquivo, produzidas em material inerte ou alcalino. A maioria das caixas e pastas disponíveis no mercado são feita de papéis e papelões ácidos. A acidez migra através do contato, ou seja, uma embalagem confeccionada com material ácido fatalmente irá passar a

acidez para os documentos nele acondicionados. As caixas comerciais poderão ser usadas desde que as mesmas sejam revestidas com papel alcalino (SPINELLI; BRANDÃO; FRANÇA, 2011).

Foi elaborado um guia introdutório para os acadêmicos do projeto que integrariam as ações do “*Grupo de Higienização dos Documentos*”, que versava desde uma breve história do papel à preservação e conservação de documentos, visando proporcionar informações e critérios éticos para a conservação preventiva adequada à documentação e ao estabelecimento que os abriga.

O grupo passou por um treinamento específico quanto aos cuidados com documentos, como manuseá-los, principalmente aqueles documentos que apresentavam maior fragilidade e que necessitam de maiores cuidados, bem como orientação para a identificação dos agentes nocivos. Entende-se como suporte qualquer material (de origem orgânica ou inorgânica) que contenham impressão de informação nas suas mais diferentes formas, podendo ser bidimensional ou tridimensional.

Foi passado para os alunos uma aula introdutória contendo conhecimentos básicos na área de conservação para que eles pudessem estar aptos para auxiliar na preservação da coleção. Foi ensinado aos alunos como realizar a higienização mecânica dos documentos e o preenchimento de fichas de diagnósticos, deixando-os conscientes do valor dos documentos em tratamento e que as aulas não significavam que os alunos estavam aptos a praticar a Conservação e Restauração.

Vale a pena ressaltar que ações desenvolvidas nas áreas de documentação e conservação, podem envolver conhecimentos e/ou profissionais de outras naturezas, como a Restauração, especificidade de ação preservacionais, pesquisadores, docentes, entre outros (CANDIDO, 2009). Entretanto, é uma área que exige estudo e qualificação técnica para executá-la.

A museóloga disponibilizou para os acadêmicos do projeto um manual para orientar quanto às ações preservacionistas. E desta forma, acompanhou os alunos nas ações de higienização e identificação de aspectos danosos ao papel e como preencher ficha de diagnóstico. Foram dispostos neste manual, descrições sobre a atividade em questão, bem como explicações sobre os aspectos degradativos do papel, sendo estes: *Gorduras ou gordura de mão; Mancha; Manchas de ferrugem; Manchas de cola; Deformações; Rasgos e rupturas; Auréolas ou Mancha d’água; Amarelecimento; Descoloração; Ataques biológicos ou biodeterioração. Reafirmando que para a prevenção imediata, deve-se controlar ambientais de UR e temperatura das áreas de guarda de acervos.*

Foi orientado a equipe do “*Grupo de Higienização dos Documentos*” que estivessem em constante troca de informação com a museóloga, apresentando quaisquer dúvidas em relação aos documentos e ao próprio processo de trabalho.

O trabalho do grupo iniciou em meados do segundo semestre do ano de 2017, com a organização dos documentos por temas. Como não havia critério de coleção ou organização desses documentos e livros, foram separados por temas afins, como “Documentos Históricos”, “Documentos de Docentes”, “Documentos de Discentes”. O próximo passo seria a digitalização das fotografias e a catalogação destas, para também as incluir em uma das separações citadas anteriormente. A ideia de separar o acervo por temáticas, foi buscando uma organização coerente com a missão do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*”.

A higienização é a remoção de todas as sujidades encontradas no papel e de todos os elementos considerados nocivos aos papéis como: gorduras ou gordura de mão, manchas d’água, manchas de ferrugem ou oxidação, manchas de cola, amarelecimento, descoloração do suporte e rasgos. Concomitante ao processo de higienização mecânico, os alunos preenchem a ficha de diagnóstico.

A ficha de diagnóstico (Quadro 1) tem como função identificar danos no suporte, bem como para auxiliar o trabalho mais incisivo nestes (ações envolvendo restauro). A partir da ficha, a Museóloga pode avaliar os documentos pela ficha e dar os devidos encaminhamentos.

Quadro 1. Ficha de diagnóstico

Tipo de material:		Coleção/Fundo:			
Data:					
Nome/título:					
Época:		Nº p:		Medidas (cm) L x A x E:	
Técnico (assinatura):					
Ocorrência		Ocorrência		Ocorrência	
Adesivos		Inseticida (pó branco)		Restauro antigo	
Anotações caneta		Lápis de cor/giz de cera		Selo	
Anotações grafite		Manchas		Sujidade	
Cortes		Ondulações nas folhas			
Costura fragilizada		Oxidação			

Costura partida		Oxidação de tintas			
Descoloração		Páginas coladas			
Dobras		Perda capa anterior			
Etiquetas		Perda capa posterior			
Excrementos		Perda de folha			
Observações:					
Fotografias antes e depois:					

Fonte: Acervo do Centro de Memória da Enfermagem – UnB.

No final do primeiro semestre de 2019, o grupo de higienização finalizou o tratamento em documentos históricos e a ficha de diagnóstico foi encaminhada para avaliação da museóloga. A partir da ficha, a profissional poderá encaminhar os documentos mais fragilizados para um tratamento técnico específico que requer o trabalho de um conservador- restaurador.

Como as fotografias apresentam fragilidades em sua constituição química, foi orientado pela museóloga que após a mudança de acondicionamento para uma guarda mais adequada, que estas fotos fossem digitalizadas. O mesmo deve acontecer com os documentos. Pensando na preservação destes suportes, a mudança de suporte original (material para digital) é capaz de preservar a informação contida no documento por mais tempo, evitando manuseio desnecessário ou a exposição do acervo a condições não favoráveis a este. Desta forma, portanto, vem a contribuir para a longevidade da coleção.

Outro aspecto envolvendo a digitalização foi pensado para a produção de conteúdo no site e tornar as informações contidas nestes documentos acessíveis. A maneira de democratização do conteúdo do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*”, é justamente disponibilizando os dados em uma plataforma *online*.

Em busca da comunicação com o público interno, durante o *II Seminário de Pesquisa em História da Enfermagem na Universidade de Brasília*, ocorrido em maio de 2019, a museóloga montou uma pequena exposição fotográfica para comunicar ao público os processos de preservação de acervo, onde utilizou mostruários de ferramentas para a execução do trabalho, papéis permanentes usados na conservação, propostas de acondicionamentos para livros e documentos, e

Brazilian Journal of Development

demonstração de documentos com processo de degradação avançado. Como reflexo das ações preservacionistas desenvolvidas no “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*”, a limpeza na sala a qual abriga o acervo passou a ser feita duas vezes por semana.

Figura 2. Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Enfermagem da UnB (GEPHENf - UnB), da esquerda para direita, Nathália Reys (museóloga), Rosalia Gomes (acadêmica de Enfermagem), Pedro Teófilo (acadêmico de Enfermagem), Andrea Mathes (docente do Curso de Enfermagem), acima – Wender Ferreira (acadêmico de Enfermagem), abaixo – Kecilin Assis (acadêmica de Enfermagem), acima – Camila Marçal (acadêmica de Enfermagem), abaixo - Gabriela Miranda (acadêmica de Enfermagem), Keila Cruz (docente do Curso de Enfermagem) e Beatriz Felix (acadêmica de Enfermagem).



Fonte: Acervo do Centro de Memória da Enfermagem – UnB.

Figura 3. Atividade de preservação do acervo.



Fonte: Acervo do Centro de Memória da Enfermagem – UnB.

Figura 4. Materiais utilizados para as atividades de preservação do acervo.



Fonte: Acervo do Centro de Memória da Enfermagem – UnB.

O “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” também tem como objetivo preservar a disseminação das informações, tornando-a acessível para o público meio a plataformas virtuais. A ação contempla a Lei de Acesso à Informação (LAI) que “regulamenta o direito constitucional de acesso às informações públicas” (BRASIL, 2012).

Importante comentar que o “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” não se identifica como um espaço museal, mesmo que atenda a preservação da memória do curso de enfermagem e tornar esse conhecimento acessível à sociedade¹ tampouco como arquivo, embora detenha documentos de fundos permanentes. Contudo, existe a preocupação em construir e dialogar sobre a memória do curso de enfermagem em Brasília com os respectivos profissionais (IBRAM, 2020; ICOM, 2007).

4 CONCLUSÃO

A colaboração entre os campos do saber pode fortalecer o desenvolvimento do setor cultural, fornecendo recursos às demais instituições sejam elas da mesma natureza ou não. A interdisciplinaridade entre as áreas reforça a produção científica cada vez mais ampla. Entende-se aqui por interdisciplinaridade a junção em um mesmo projeto de várias áreas do conhecimento distintas ou não necessariamente correlatas. Torna-se rica a observação da proximidade entre as diversas áreas que confluem o estudo do patrimônio e da memória. A junção de áreas não afins demonstra a construção de um terreno sedutor que pode provocar o encantamento em pesquisadores e assim os faça buscar em sua trajetória, aportes teóricos e práticos que advém de múltiplas abordagens. O hibridismo entre os campos científicos corrobora no desenvolvimento de técnicas, métodos e aplicação teórica para equacionar um problema de pesquisa.

Pode-se inferir que questões relacionadas à preservação, como a segurança do acervo, são entendidas como um conjunto de elementos que quando estudados se tornam parte de um plano definido para gerenciar, impedir danos e combater agentes degradantes eminentes ou iminentes ao acervo e sua instituição. Neste seguimento, a preservação e recuperação da informação contida

¹ Segundo a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, Artigo 1º “Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. A definição do Comitê Internacional de Museus (ICOM) para museu é “*a non-profit, permanent institution in the service of society and its development, open to the public, which acquires, conserves, researches, communicates and exhibits the tangible and intangible heritage of humanity and its environment for the purposes of education, study and enjoyment.*”

nesses suportes, pode corroborar para a construção da memória institucional do curso de Enfermagem da UnB.

A proposta para a criação do “*Centro de Memória Virtual do Departamento de Enfermagem da Universidade de Brasília (UnB)*” contempla, a identificação, a organização, a preservação e a acessibilidade dos documentos, tanto como a catalogação, seleção e tratamento, desvela aspectos relevantes para a história do curso de Enfermagem na Universidade e para a história da enfermagem brasileira. A relevância deste trabalho consiste na preservação da memória, tendo em vista a relevância do conteúdo contido nos documentos para os rumos da pesquisa entre as áreas.

REFERÊNCIAS

BRANDI, C. Teoria da Restauração. Cotia: Ateliê, 2004.

BRASIL, 2012. Lei de Acesso a Informação. [acesso 20 de julho de 2020]. Disponível em <<http://www.acaoainformacao.gov.br/assuntos/conheca-seu-direito/a-lei-de-acesso-a-informacao>

CÂNDIDO, MMD. Museus e conhecimento interdisciplinar. Revista Museu 2009;1(1).

COMITÊ INTERNACIONAL DE MUSEUS (ICOM). Sobre definição de museus, 2007. [acesso 01 de agosto de 2020]. Disponível em: <https://www.icom.org.br/?p=1828>

COSTA MCR. Centro de memória e de pesquisa histórica da pontifícia universidade católica de Minas Gerais (1989-2009): 20 anos de história. Braz. J. of Develop., Curitiba, v. 6, n. 1, p.2792- 2806 jan. 2020. [acesso 05 de agosto de 2020]. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/issue/archive>

COSTA, ITM. Memória Institucional: a construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 1997. Tese de Doutorado em Ciência da Informação.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). O que é museu. [acesso 01 de agosto de 2020]. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/os-museus/o-que-e-museu/>

LE GOFF, J. História e Memória. tradução Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP; 1990.

MICHALSKI, S. Conservação e Preservação do Acervo. In: UNESCO/ICOM. Como Gerir um Museu: Manual Prático. ICOM, 2004, p. 64-107. [acesso 20 de julho de 2020]. Disponível em: <https://www.sisemsp.org.br/blog/wp-content/uploads/2012/09/Manual-Como-gerir-um-museu-ICOM-Unesco.pdf>

SANTOS, WF; FAUSTINO, AM. História do Curso e Departamento. Centro de Memória Virtual [Internet] 2016. [acesso 15 de julho de 2020]. Disponível em: http://www.fs.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&id=234&Itemid=917

SILVA KLM, BATISTA PAB, NOGUEIRA LMSA, CRUZ KCT, FAUSTINO AM. Maria Aurineide da Silva Nogueira, protagonista da enfermagem na Universidade de Brasília. Hist enferm Rev eletronica [Internet]. 2019 [acesso 20 de julho de 2020];10(1):44-50. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v10/n1/a4.pdf>

SPINELLI J, BRANDÃO E, FRANÇA C. Manual técnico de preservação e conservação: documentos extrajudiciais CNJ. Arquivo Nacional: Biblioteca Nacional [Internet] 2011. [acesso 20 de julho de 2020]. Disponível em: <https://folivm.files.wordpress.com/2011/04/manual-an-bn-cnj-2011-c3baltima-versc3a3o-2p-folha.pdf>